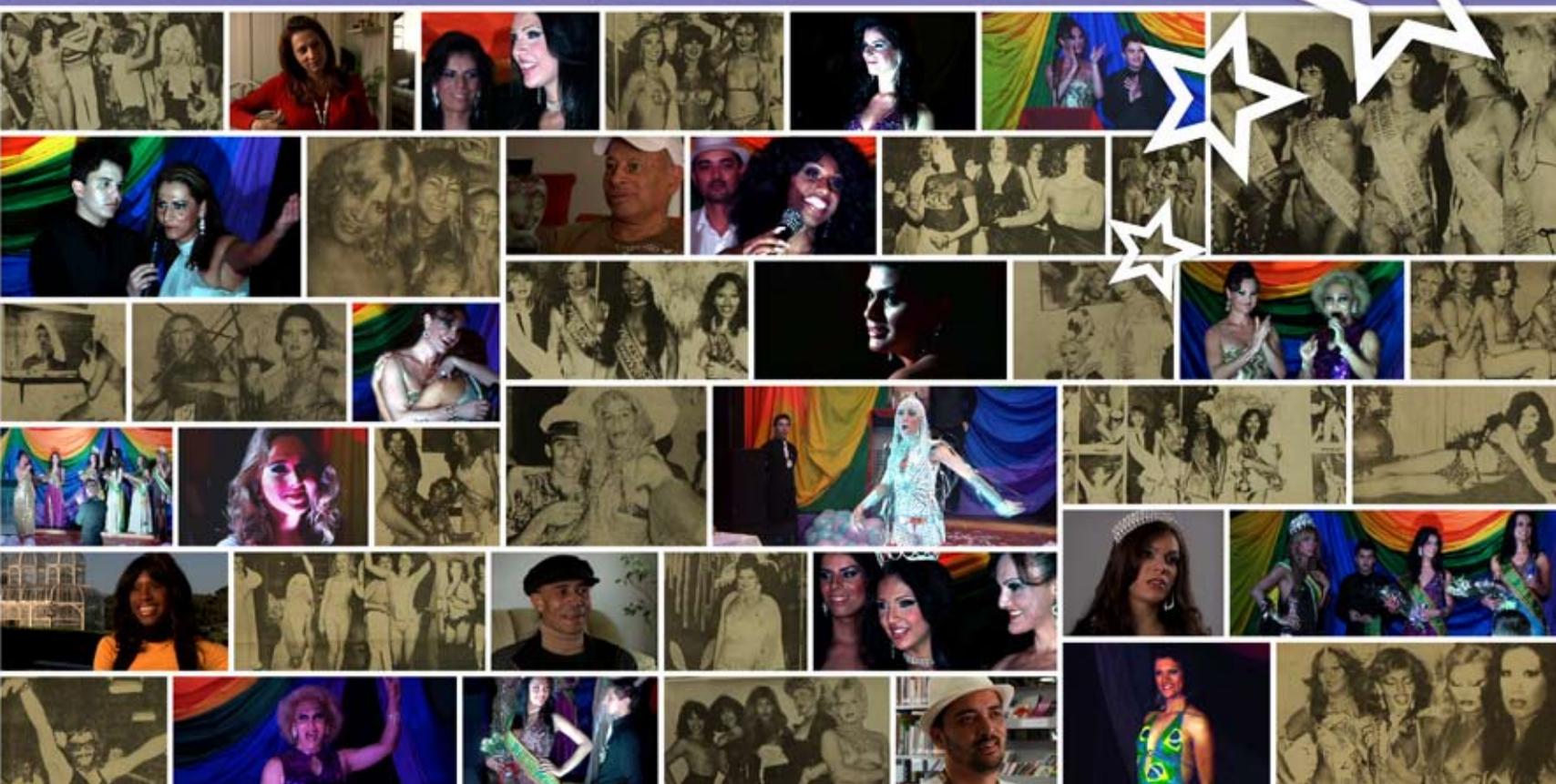




Resgatando o Gala Gay do Clube Operário





*Dedicamos
este trabalho a
inarrável e inesquecível
Mãe Regina e as travestis
& transsexuais vítimas da violência,
discriminação e do HIV e Aids.*

agradecimentos

Alberto Schimit
Alessandra Cantarelli
André Errera
Bárbara Bueno
Bebel Camburão
Betynna Brasfont
Brigitte Beaulieu
Cacau Fontes
Claudia Novlask
Carla Amaral
Carlinhos do Operário

Christiane Spode
David Harrad
Divina Aloma
Francisco dos Santos
Georgette Bigfield
Igo Martini
Igor Konhrat
José Carlos Fernandez
Josiane Bougers
Karlesy Stamm
Leandro Lauer

Linda Power
Luciano Coelho
Marcelo Munhoz
Mariana Thomaz
Rafaelly Wiest
Regiane Dancini
Sabrina Mab
Samantha Wolkan
Safira Bengel
Téo Travagin
Toni Reis

*A todas travestis e transsexuais
que continuam acreditando em
eventos como o Gala Gay e o
Miss Curitiba Trans.*



Realização:

- APPAD - Associação Paranaense da Parada da Diversidade

Apoio:

- Artêmis – Associação Paranaense de Lésbicas
- CEPAC – Centro Paranaense da Cidadania
- Dom da Terra
- Grupo Dignidade

Colaboração:

- Transgrupo Marcela Prado
- Mandato do Deputado Federal Dr. Rosinha
- Coordenação Municipal de DST e Aids / SMS
Prefeitura Municipal de Curitiba
- Divisão de DST e Aids / SESA
Governo do Estado do Paraná
- Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos
Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

Financiamento:

- Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural
Ministério da Cultura
MINC / FNC 702135/08



apresentação

Companheiras e Companheiros,

Valorizar a arte e a cultura do movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), é uma alternativa eficaz para o combate à violência e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. A promoção dos direitos humanos passa por diversas formas de expressões artísticas e culturais. O projeto “Resgatando o Gala Gay do Clube Operário” traz luz ao extinto baile dos Enxutos que era conhecido como “Gala Gay” .

É por meio do apoio do governo federal, através do Ministério da Cultura, que a Associação Paranaense da Parada da Diversidade – APPAD com o apoio do Transgrupo Marcela Prado, resgatam a trajetória do Gala Gay do Clube Operário.

A disponibilização da revista e do DVD para acadêmicos, estudiosos, historiadores, comunidade LGBT e sociedade em geral, só foi possível com o apoio efetivo do mandato do Deputado Federal Dr. Rosinha. Por isso o movimento LGBT, não só do Paraná, mas de todo o Brasil agradece ao Deputado Dr. Rosinha por acreditar que a cultura é uma ferramenta essencial para o fim da desigualdade, violência e discriminação.

Estão todas (os) convidadas (os) para uma viagem histórica nas imagens do Gala Gay ao Miss Curitiba Trans! Eventos que, ontem e hoje, acenderam e continuam iluminando vidas, contribuindo para que o movimento LGBT em todo Brasil avance em prol da cidadania de milhões de Brasileiras e Brasileiros.

E é com a luz das divas travestis e transexuais e com o espírito revolucionário destas artistas e guerreiras que nós LGBT continuaremos acreditando e trabalhando por um Brasil livre do MACHISMO, do RACISMO, do FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO, livre da TRANSFOBIA, LESBOFOBIA e HOMOFOBIA.

Márcio Marins
Coordenador Geral
APPAD



De touca bobs no Clube Operário

Diz-se que em Curitiba não há carnaval. Dada como dogma vaticano, a afirmação já entrou para o anedotário nacional e desperta umas tantas gargalhadas a cada fevereiro que chega. E não é raro encontrar curitibanos que se orgulhem dessa particularidade, apostando que a inabilidade para as vulgaridades momescas – essa liturgia de nus e mascarados – seria prova incontestada do nosso sangue azul.

Em resumo, o anticarnaval virou uma marca da terra. Além das temperaturas polares que se estendem, sem pudores, até o mês de dezembro; do sotaque tão seco e áspero a ponto de nos tomarem por antipáticos; das muitas cabeleiras louras, por natureza, por força da poderosa indústria dos cosméticos ou pela





expansão do Salão Marly, seríamos também destituídos de qualquer talento para o samba. Esse quesito selaria nossa posição de “Brasil Diferente”, para lembrar a expressão cunhada pelo crítico literário Wilson Martins em seu livro mais polêmico.

Esses rótulos são reforçados ano após ano, em especial pelo colunista José Simão, da *Folha de S. Paulo*. Ele repete – com sucesso – o gracejo de que a pior coisa do mundo é passar os dias de alalaô na capital paranaense. Mas alto lá. “O pior carnaval do mundo” é uma meia verdade ou, como dizem os teóricos, “um falso problema” sobre o qual é preciso se debruçar.

Assim como em qualquer outra parte do país, “a festa da carne” é em Curitiba um espelho do que há em nós de festivo, mas também de trágico, surreal e mal-resolvido. No plano nacional, já há quem pense sobre o tema sem se render ao senso-comum, aos apelos midiáticos, à indústria do turismo – a que mais tira proveito de todos os clichês carnavalescos.

Não tem como esquecer as soturnas imagens em preto e branco feitas pelo brilhante fotógrafo carioca Cláudio Edinger. Sem as cores – uma dádiva na ocasião –, sobressai no rosto dos passistas cariocas a melancolia, o *je ne se quoi* tão explorado pelos existencialistas franceses. Sim, algo de *bonjour tristesse* habita a face do mais convicto dos foliões do Salgueiro ou da Portela ou da Embaixadores da Alegria.

Pode-se invocar como “crítica ao carnaval”, ainda, as cenas finais do filme *Quase dois irmãos*, no qual a cineasta Lúcia Murat explora a troca da violência política – aquela que reprimia as ideologias de esquerda nas décadas de 1960 e 1970 – pela violência gerada no crime organizado, implacável, irracional, movida a dinheiro, extermínio, e nutrida covardemente na dívida social brasileira.

Para ilustrar a passagem da luta pelo sonho pela luta da bestialidade, Murat usa nada menos do que uma concentração no Sambódromo do Rio de Janeiro. Naquelas sequências – ainda que feitas com as cores fortes de Almodóvar e Frida Khalo – nada se enxerga senão o disfarce e a mentira. O espetáculo ali beira o horror – jogando por terra a crença de que o carnaval é a tradução da nossa alegria, marca de nossa gente, nosso cartão de visitas para a humanidade.

A esses dois exemplos de desmanche do imaginário do carnaval some-se os estudos de Roberto DaMatta, para surpresa geral da Nação um dos poucos antropólogos a se debruçar sobre o assunto. No mais, reina o silêncio imoral: “no país do carnaval”, como escreveu Jorge Amado, o carnaval não goza de prestígio intelectual. Há espaços vazios. Logo, tem-se muito a dizer sobre a comemoração que,





**NO OPERÁRIO,
"BONECAS" DO
BRASIL INTEIRO
FAZEM INSCRIÇÃO**



DIÁRIO POPULAR

CARNAVAL: REI MOMO DISSE ADEUS

**TRAVESTIS EXPLODIRAM OPERÁRIO:
CINCO MIL PESSOAS VIRAM A FESTA**

A row of small black and white photographs showing people at a carnival event. From left to right: a man in a white shirt, a woman in a light-colored costume, a woman in a dark costume, a man in a white shirt, a woman in a dark costume, and a woman in a dark costume.

**TRAVESTIS FIZERAM
OPERÁRIO RECEBER**



RAM ESPETÁCULO !
EBEU 5 MIL FOLIÕES



diz-se a torto e direito, é o melhor de nós. O carnaval de Curitiba – o menos visível e o mais ridicularizado – habita o silêncio e o vazio.

É para reverter esse quadro que vem à baila o documentário *Gala Gay*, um projeto da Associação Paranaense da Parada da Diversidade – Appad – em parceria com o Transgrupo Marcela Prado. É de bom pedigree. A Parada da Diversidade se tornou o maior evento de rua do estado para reivindicação de direitos. O Transgrupo, além da defesa e orientação de seu segmento, ganha notoriedade ao promover, há cinco anos, o Miss Curitiba Trans – evento ocupado de aumentar a autoestima de transexuais e travestis e, por tabela, reboina os tempos dos bailes do Operário, o clube popular do Alto São Francisco, onde tudo aconteceu.

A dupla, Márcio Marins e Carla Amaral, que encabeça a tarefa, precisou de braços e fôlego de estiva. Propôs-se a oferecer subsídios sobre o carnaval, o que é serviço o bastante; a tratar da folia em Curitiba, o que é louvável; e a mostrar um carnaval festejado “por debaixo dos panos”, para citar a canção interpretada por Ney Matogrosso, perfeita para bons entendedores. É urgente que se faça. De tudo, os pesquisadores se saem bem, tirando das profundezas uns tantos mistérios e alguma beleza. A dizer.

O estudioso de cultura popular e de música brasileira José Ramos Tinhorão – conhecido por não fazer coro com os con-

"Enxutos" no Operário

5 MIL PESSOAS VIRAM
ELEIÇÃO DE TUCA

DIÁRIO
POPULAR



Muita gente

LEILA: RAINHA D

Nem mesmo o desmaio de Leila que vendeu o "Desfile das Fantásias" no Operário ficando com Graziella, o direito de receber a faixa de vencedora, deixou de tornar o Baile do Operário como o mais quente deste carnaval. Na realidade, a tradicional sociedade reviveu seus grandes momentos de antigos carnavais, cada vez com maior intensidade e recebendo milhares de feliços, uma grande parte eram turistas vindos dos mais variados centros, principalmente Curitiba e São Paulo. A noite



importante no Operário:

A GRANDE DOS TRAVESTIS



tentes e por profanar as vacas sagradas do *establishment* brasileiro – orgulha-se de ter, em seu quilométrico arquivo de documentos, fôlderes sobre os corsos e outros carnavais de clubes em Curitiba. Ora, então em tempos idos havia bailes e gente à rua, desfilando em carros enfeitados pela XV, dando tchauzinhos aos passantes da Tiradentes, jogando confetes na fonte da Praça Rui Barbosa. Por que parou e parou por quê é que são elas. O que se pode afirmar com certa folga é que num determinado momento o carnaval deixou de ser coisa “de gente que pode” para se tornar coisa de “gente que não pode”.

Eis a ferida. Ao abandonar o festejo, as classes mais abastadas o relegaram à categoria de “festa dos pobres”, provocando, a reboque, a míngua das verbas, a marginalização dos carnavalescos e passistas, o chiste popular, a crença de que para aqueles que existem de direito, o carnaval não existe de fato.

Pois à revelia de ser “festa de ninguém”, o carnaval das catacumbas continuou existindo em Curitiba, abrigando os que não tinham trânsito permitido em outros espaços. É nesse território de indefinição que Márcio e Carla transitam.

O levantamento que fizeram nas páginas do jornal *Diário Popular* aponta as primeiras fumaças do Gala Gay, ou “Baile dos Enxutos”, como também era chamado. Tudo teria começado em meados da década de 60. De acordo com dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba, o Ippuc, a cidade tinha à época por volta de 600 mil habitantes, um terço de hoje em dia.





Não acabava mais no bairro do Portão. Mas também não acabava muito longe dele.

Ao se folhear outros diários daquele tempo, percebe-se que já grassava uma má vontade profana com o carnaval de rua, visto como carente de investimentos e de apelo popular. E cafona – para citar uma expressão que logo-logo vai ganhar popularidade.

É difícil dizer quem eram os frequentadores do carnaval popular e de clubes na Curitiba de 1965, quando o Gala Gay sai do armário. Mas há indicativos de que, ainda que o festejo por essas bandas não estivesse o melhor dos seus dias, muitos foliões acorriam aos salões dos clubes étnicos – mais de 40 em toda a capital –, até porque descer para o litoral – rota de fuga que começa a se desenhar assim que as estradas melhoram – ainda não era fácil, nem era para todo mundo.

Em miúdos, é provável que o Gala Gay do Clube Operário, iniciado em data incerta, tenha surgido na cidade num momento em que já se desenhava o abandono do carnaval como festa de todas as gentes e etnias, como se propala de Norte a Sul do país, convertendo-se numa espécie de prática secreta, merecedora de rabo de olho: “Eu vou, mas digo que não fui”. Ou “eu fui só para tirar sarro”, antecipando a postura que as classes médias teriam, dali em diante, dos programas de auditório e de baixarias policiais.





**gays
Rio"**

DIARIO POPULAR

TERÇA, QUARTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 1976 PREÇO: CR\$ 1,00

CARNAVAL DE RUA VIROU PALHAÇADA!
10 MIL PESSOAS ESPERAM 5 HORAS PELO DESFILE.

TRAVESTIS ESTOURAM OPERÁRIO
FOI A MAIOR FESTA DE FANTASIAS DOS ÚLTIMOS ANOS



DIARIO POPULAR



VIOLÊNCIA!
34 MORTOS: FACADAS NO MÉDICO NA PORTA DO HOSPITAL!
ARQUEIRANÇADAS CAEM E 67 VÃO PARA O "BELELEU"; 14 IAM PARA O CARNAVAL MAS TODOS MORRERAM!

O BEIINHO DOCE...



DANIELLE GANHA A COROA DOS "ENXUTOS"



Ontem à tarde, 35 "bonecas" de todo o Brasil já tinham feito inscrição para o desfile de fantasias de luxo no Operário. A relação completa, inclusive com o nome de cada fantasia, já está na 2ª página. Mais movimento que no ano passado, e ainda mais sensacional. Hoje, ainda, tem desfile da Banda Polaca e muitos outros acontecimentos. (Pág. 2).

"LEJARA" ARREBATA O TÍTULO "E

... a rainha... a travesti... nada como um bom agrada...

A RAINHA

TRAVESTI É SEU FRACO

NADA COMO UM BOM AGRAD

FICARAM REVOLTADAS COM A DECISÃO FINAL DO JURI

NO OPERÁRIO AMANHÃ

BAI



ENXUTO 80

TIRA A MÃO DAI!



LE DOS ENXUTOS!



O baile das travestis, em tese, se firma em meio à Curitiba que desiste aos poucos do carnaval, por não se sentir talhada para ele. É uma hipótese. E faz sentido.

As dúvidas que ainda cercam o nascimento e o sucesso do Gala Gay podem servir de pasto para os pesquisadores que queiram seguir o lastro deixado por Márcio e Carla. Por certo, hão de encontrar munição pesada para definir que lugar ocupava a comunidade LGBT na cidade. E por que a capital se permitia, uma vez por ano, liberar-se para um encontro festivo com essa comunidade.

Uma das pistas de que algo se esconde nesse ninho vem de um pouco antes, na rabeira da década de 1960, quando – reza a lenda – as forças de segurança pública teriam reprimido e humilhado uma espécie de confraria secreta de gays conhecida como Tulipa Negra, formado por homens bem postos na vida. Haveria entre eles jovens da sociedade, como se dizia. Numa festa à fantasia, na qual se vestiram de mulher – como faz qualquer Bloco do Sujo o faz – teriam sido flagrados, num apartamento, reprimidos, servindo de pilhéria para a tal da Curitiba que não perdoa ninguém.

A existência de uma associação informal como a Tulipa Negra coincide com agremiações semelhantes em outras partes do país. É o caso da Turma OK, ainda em atividade no Rio de Janeiro – atualmente com sede no bairro da Lapa. O grupo – que completa 50 anos em 2010 – é objeto de estudo do antropólogo Rogério da Sil-

va e se pauta pela discrição, ainda que em terras cariocas. Mesmo assim, sofreu as agruras do regime militar e temeu o garrote do AI-5, quando a censura apertou, a partir de 1968. Pelo que tudo indica, em paralelo à caçada aos guerrilheiros, empreendeu-se no Rio também a repressão dos costumes. A Turma OK se pôs ainda mais em resguardo, até que passasse a tempestade, e sobreviveu aos dias ruins.

Ora, as poucas peças do quebra-cabeça vão se encaixando. O Tulipa Negra virou objeto de execração pública, sinônimo de vadiagem, para usar uma palavra mais amena, e seguiu para o esquecimento conveniente, acompanhado dos corsos e dos bailes do Thalia, hoje vagas memórias dormidas nos arquivos de José Ramos Tinhorão.

O Gala Gay deve ter encontrado espaço para florescer à margem desse movimento de apagamento. É verdade que nem todas as informações se encaixam. Fica-se sem saber, por exemplo, de que maneira a repressão agiu sobre as “bonecas” – expressão comum, então. É provável que tenha havido algum tipo de vigilância sobre as travestis que ousaram ocupar os salões de um clube do centro da cidade, o Operário, para quem quisesse ver, ouvir e dar passagem.

Há um detalhe interessante nesse emaranhado de perguntas sem respostas. O Gala Gay era assunto permitido nos jornais. E frequentado por granfas e bacanas da ocasião, uma visibilidade que pode ter intimidado a arbitrariedade policial e os setores mais





As "bonecas" estarão desfilando no Ópera Rio...



Esta tremenda loira veio de Paris para participar do concurso.

**B
O
N
E
C
A
S**

conservadores da sociedade. Cabe aqui levantar mais algumas indagações: a mesma sociedade que repudiava ver seus ilustres desfilar vestidos de mulher, debaixo de nomes como Leila, Graziella, Veruska, Samantha, Jaqueline e até Rachel Welch.

Lembro de uma professora da Escola de Belas Artes – mulher de espírito liberal e humanitário – contando aos alunos de sua experiência de ir ao Gala Gay do Clube Operário. Curiosa, bisbilhotara os bastidores, onde viu muitas mães das travestis maquian-do e penteando suas filhas. Contou-nos emocionada aquela que julgava ser uma das cenas mais bonitas que viu na vida, uma confirmação do “amor incondicional”, expressão sobre a qual o filósofo Erich Fromm se debruça no livro *A arte de amar*.

Vale uma observação: o malfadado carnaval de Curitiba, que ainda se gestava como piada nacional na década de 1970, 1980 – tempos áureos do Gala Gay – gerou também um outro subproduto: a Banda Polaca, idealizada em 1975 pelo cartunista Dante Mendonça e pelo então presidente da confraria Boca Maldita, Anfrísio Siqueira. No ano em que a Banda Polaca debutou nas ruas da cidade, debaixo de protestos por causa do sentido supostamente pejorativo da expressão “polaca”, Leila, a primeira colocada do Gala Gay desmaiou e Graziella, a segunda colocada, ficou com a faixa.

Àquela altura – com pelo menos dez anos de estrada – o baile já não era uma festa imodesta, acanhada, na qual as premia-



show de loucura no Ópera-Rio!

Em noite de muito calor, espetáculo de variedades e "música" em uma noite de variedades. O show de variedades "Ópera-Rio" voltou a ser apresentado na segunda-feira de carnaval, com o tema "Ópera-Rio". O show de variedades "Ópera-Rio" voltou a ser apresentado na segunda-feira de carnaval, com o tema "Ópera-Rio".



O CARNAVAL FOI ASSIM! DESLUMBRE DOS ENXUTOS NO OPERÁRIO

Mantendo uma tradição de carnaval popular, este ano os enxutos de elite, tem também um toque de sofisticação dos foliões.

A RAIA EMBOL



"Debutante de elite e Embolado. O carnaval de elite no Rio de Janeiro."/>



A luta pela vida. Ela foi forte e venceu. Um "gay" rejeitado.



das ganhavam uma faixa feita com papel higiênico, a exemplo dos tempos de penúria e medo. A idade das catacumbas tinha acabado, embora o país vivesse uma ditadura ferrenha e, como é sabido, houvesse repressão política nos porões do Solar do Barão e do quartel da Praça Rui Barbosa.

Há de se considerar, contudo, que em 1975 a cidade estava novamente de lua de mel com a modernidade, o que pode tê-la feito, então, mais tolerante. Havia um contínuo de mudanças urbanas. Tinham ficado para o passado o fausto da erva-mate, os surtos de caretice do Paraná das décadas de 30 e 40, e florescido os anos Bento Munhoz da Rocha. Tínhamos alcançado uma arquitetura moderna invejável e a palavra “desquitada” deixava de ser palavrão, para dizer o mínimo.

Tinha sido superada a baixa-estima da população diante de uma cidade fria, feia e que alagava com qualquer chuva. Via-se com orgulho aqueles anos em que Curitiba ganhou o Calçadão, as luminárias roxas de Abrão Assad, o Teatro Paiol. Em miúdos, a atmosfera parecia favorável à chegada de discos voadores, do elenco do Hair e o que é que há.

Os 1970, quando tudo isso se deu, aliás, mereceriam ser objeto de estudo. Foram os anos de crimes do colarinho branco, mas também os anos da Socipar – a Socila local, civilizando e polindo as mulheres curitibanas sob a batuta de Aliete Prodócimo. Os anos de Sabine Wahrhaftig fazendo da butique Noi um espaço anarquista e libertário. Os anos Jaime Lerner,

claro, a nos fazer notícia nacional. Os anos da banda A Chave. Do Teatro de Bolso. E aqueles anos em que a cidade que não tinha carnaval tinha, como consolo, a irreverência do Gala Gay e da Banda Polaca.

A Banda Polaca, diga-se, estava à altura do paladar de boa parte dos formadores de opinião – aqueles que liam Paulo Leminski e bebiam no Bife Sujo. Já o Gala Gay era uma concessão estética e moral que tirava Curitiba do casulo e a mostrava não mais como um Brasil Diferente, mas uma cidade que queria ser diferente.

É mesmo matéria de investigação para antropólogo e curiosos em boa forma. Nos inícios dos anos 1990, quando a explosão demográfica tinha deixado estragos, trazendo consigo a violência a tribalização da cidade, o Gala Gay deixa de existir. Mas não raro se encontra por aí quem diga que o baile ainda acontece. Ele está no imaginário, tanto quanto o Bondinho e o Bar do Pudim.

Os menos otimistas podem dizer que o Gala representou pouco – não passando de uma “gaiola das loucas” permitida nos dias do carnaval, mas incapaz de nos outros 364 dias do ano coibir a discriminação e a violência contra travestis e transexuais. Eu diria que não – o Gala Gay teve um papel importante na afirmação das mulheres trans na capital, hoje organizadas no Transgrupo Marcela Prado, potentes, prontas para a grita se for preciso. Pena essa história não tenha entrado para o magnífico estudo *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, de João Silvério Trevisan.









Mereceria. Por mais de 20 anos a cidade sem carnaval – aquela que é alvo das piadas do Macaco Simão – reuniu a imprensa, algumas boas cabeças e muitas travestis. E o fez com humor, glamour e a irreverência de personagens como Bebel Camburão, a Divina Aloma, Safira Bengel. Sei não, mas a turma do Tulipa Negra, sob o peso do sobrenome e do preconceito, foi vingada pela turma das boates, das esquinas, ajudadas por suas mães. Aquelas senhoras levaram bobs, laquê, rouge e muitos brocados para ajudar a escrever uma história que ousou dizer seu nome.

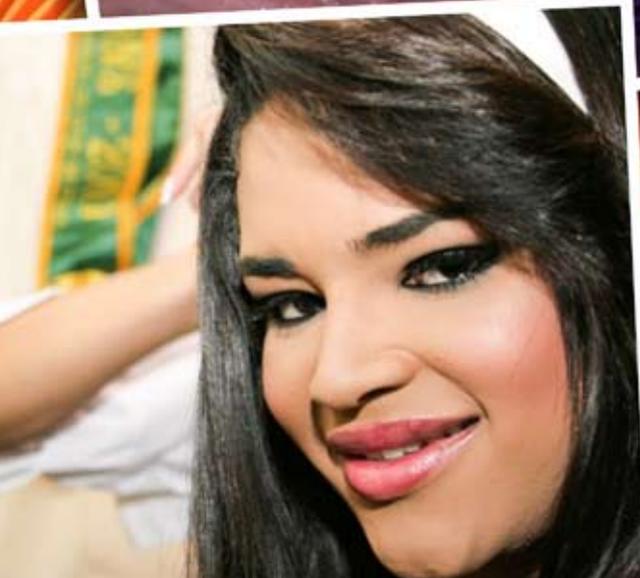


José Carlos Fernandes

Jornalista e Professor da PUCPR e da UFPR.









Realização:



Colaboração:



Apoio:



Financiamento:

Ministério
da Cultura

